

A INFLUÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA LEITORA

Antonia Cristina Soares Cazumbá
Universidade do Estado da Bahia

Gisele Ferreira de Amorim
Universidade do Estado da Bahia

Daniel Neres da Silva
Universidade do Estado da Bahia

Izabel Cristina da Silva Barros
Universidade do Estado da Bahia

Resumo: O presente trabalho intitulado: A Contação de História na Formação do Criança Leitor, teve como objetivo, compreender a influência da contação de história na formação da criança. Para o alcance desse objetivo, delimitou-se como trilha metodológica a pesquisa de campo de cunho qualitativo, utilizando como instrumento a entrevista semiestruturada, foram participantes desta pesquisa quatro professoras do 3º ano do Ensino Fundamental. E as análises dos dados coletados, foram feitas de forma interpretativa. Esta pesquisa foi realizada em uma instituição de educação no município de Bom Jesus da Lapa – Ba. Para Abramovich, (1993, p.17) “Ouvir histórias é muito importante na formação de qualquer criança, é o início da aprendizagem para ser um leitor e, tornar-se um leitor é começar a compreender e interpretar o mundo”. Constatou-se que a Contação de História influencia positivamente na formação da criança leitora, desenvolve na criança a capacidade de ouvir, dialogar, respeitando as diferenças de cada um.

Palavras chave: Criança Leitor. Contação de Histórias. Ler e Ouvir.

1. Introdução

A contação de história tem muita relevância na prática educativa, de acordo com Abramovich, (1993, p.17) “Ouvir histórias é muito importante na formação de qualquer criança, é o início da aprendizagem para ser um leitor e, tornar-se um leitor é começar a compreender e interpretar o mundo”. Para Coelho (2003), a Contação de História surgiu a partir da tradição oral, em que o ato de contar histórias segundo Villardi (1999) ao desenvolver o anseio pela leitura propicia a constituição de um bom leitor. Todavia, Busatto (2006) nos aponta que ao inserir as histórias no contexto escolar, isso somente contribui para as interações de modo saudável, e Caruso (2003) ressalta-se ainda em relação as técnicas utilizadas na arte de contar as histórias em sala de aula, pois elas devem ser imprescindivelmente contextualizadas com a realidade de cada criança.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI explana que “[...]”

a criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico” (BRASIL, 1998, p. 21-22). Corroborando com os ideais propostos pelo RCNEI, a Base Nacional Curricular Comum - BNCC, garante as crianças direitos de aprendizagens para que está se desenvolva enquanto sujeito integral (BRASIL, 2016), um desses processos é possibilitar a criação o desenvolvimento de suas diferentes linguagens, seja corporal, oral, visual e escrita. Para tanto, faz-se necessário a inserção da Contação de Histórias, pois:

as histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, que têm papel formador da identidade. Há pouco tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores. Com o advento da comunicação, ampliação dos seus recursos e a globalização das informações, a linguagem falada tende a definhir, porém, concomitante a esse desenvolvimento, surgiu uma necessidade de resgatar os valores tradicionais e a própria natureza humana. A tradição oral dos contos, não só não reapareceu, como está ganhando força nos últimos tempos (BUSATTO, 2006, p.21).

Dessa maneira, não somente se propicia a criança o desenvolvimento de uma aprendizagem mais prazerosa com a Contação de História (que tem em sua essência a ludicidade), mas também se garante a criança o direito a cultura daquele determinado espaço, principalmente quando se trabalha com as Contações de Histórias locais e regionais, valorizando assim a própria criança e seu lugar de vivência. Nesse contexto, a missão do professor não seria exatamente só ensinar a ler, mas fornecer subsídios para esta criança realizar sua própria aprendizagem, de acordo com suas necessidades, seus interesses e curiosidades. Vale ressaltar que as narrativas e contos trabalhados na instituição escolar poderá de certo modo influenciar a constituição leitora de uma criança. Ainda que todo processo formativo infantil seja entendido como sendo um grande desafio.

A partir dessa concepção percebemos a importância em pesquisar a temática, no sentido de buscar algo em que as crianças tomassem gosto, e favorecesse o processo da leitura, algo que viesse agregar valores na constituição da aprendizagem.

A discussão desse estudo partiu da seguinte indagação: Como a Contação de História pode influenciar na Formação do Criança Leitor? Para tanto, objetivou-se com essa pesquisa: **Compreender a influência da Contação de Histórias na formação da criança leitora.**

Para o alcance do objetivo a pesquisa apresentada, delimitou se como trilha metodológica a pesquisa de campo de cunho qualitativo, utilizando como instrumento a entrevista semiestruturada e as análises dos dados coletados, foram feitas de forma interpretativa.

Neste trabalho convida-se autores como Abramovich (1993), Villardi (1997), Oliveira (2009), Martins (1994), Coelho (2002), Bettelheim (1980), Zilberman (2003), dentre outros. Aqui trataremos dos Caminhos da Arte de Contar Histórias, tal como Ler e Ouvir Histórias no Ambiente. No capítulo metodológico apresentaremos o caminho utilizado para a realização da pesquisa e posteriormente a análise interpretativa dos resultados da investigação, que foi realizada no centro de educação do município de Bom Jesus da Lapa – BA, com 04 (quatro) professoras do 3º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com o propósito em compreender a influência da Contação de Histórias na formação da criança leitora.

Percebeu-se que o ato de Contar Histórias em salas de aula pode ser propiciado como mecanismo pedagógico não somente para a leitura, porém para estimular a imaginação, a curiosidade e a fantasia na criança, contribuindo então para uma gama de valores que facilitará na formação da criança leitora, instigando para ser bons leitores e se tornando donos de sua própria história.

2. Os caminhos da Arte de Contar História

A Contação de Histórias sempre existiu, é uma das formas de comunicação oral mais antiga que já se tem falado. E para referenciar isso, segundo Coelho (2003), “os contos de fadas surgiram a milhões de anos, através da tradição oral, mais sua valorização se concretizou há alguns séculos, quando os contos passaram a ser contados para as crianças de maneira lúdica”. É nesse sentido, que os contos de fadas, encantam e cativam as crianças e adultos até os dias atuais.

A Contação de História já existe desde os tempos mais antigos, as pessoas naquela época já cultivavam esse hábito, as histórias, os contos, mitos e lendas eram contadas pelos pais e pelos avós de uma forma espontânea que na qual envolviam a todos com suas ações e suspenses. Sendo assim Bezerra (2008) afirma que:

Contar histórias para criança deve ser um ato constante, não só porque executa-la é o único da aprendizagem para ser leitor, mas para provocar a imaginação. Deve dar prazer a quem conta e ao ouvinte. Constitui fonte de prazer e encantamento pela vida. É ouvindo histórias que se podem sentir novas e diferentes emoções, conhecerem lugares novos, começar e formar opiniões, critérios, conceitos e novos valores. (BEZERRA, 2008, p.03)

Como foi abordado por Bezerra, a Contação de Histórias deve se tornar um hábito diário, é o caminho para se tornar leitor. No entanto, Biluca et. al. (2014) vem contribuir ponderando que ocorreu uma mudança na estruturação da família entre os séculos XVII e XVIII: “No século XVIII, a literatura infantil mostrou-se importante no âmbito escolar e na necessidade de uma

mudança na mentalidade sócio cognitiva que a criança possuía” (BILUCA et. at., 2014, p.03). Foi a partir desses séculos que a Escola de um modo geral, deu os primeiros passos para o avanço na literatura. Para contribuir com essa mudança, foram os professores e pedagogos que deram início nas primeiras produções infantis, no final do século XVII e durante o século XVIII.

Coelho (2001, p.31) aponta que: “A história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la”, afirmando ainda que a Contação de Histórias é uma das atividades mais antigas de que se tem notícia e que o ato de contar histórias foi uma maneira mais antiga que a humanidade encontrou de passar uma informação adiante de forma unanime. Essa tradição antiga foi utilizada bem antes da escrita ter sido inventada e que as histórias de hoje têm seu papel importante na sociedade, como forma de cultura, elas são escritas em livros de ficção e representadas em filmes, em quadrinhos e em jogos etc.

Nesta perspectiva, compreende-se que os contos passaram da tradição oral para o papel durante o século XVII. Além de entender que tal mérito foi atribuído ao escritor e poeta francês do século XVII, Charles Perrault, que estabeleceu as bases para um novo gênero literário, o conto de fadas, além de ter sido o primeiro a dar acabamento literário a esse tipo de literatura o que lhe conferiu o título de "Pai da Literatura Infantil" que no qual recolheu o material da tradição oral e reformulou tudo, para atender o gosto da população.

De acordo com Coelho (2003), a necessidade de contar histórias surgiu quando o homem primitivo buscava explicações racionais para o mundo. Com os mitos e as narrativas, eles buscavam entender fenômenos naturais, a exemplo de pensarem que os relâmpagos eram armas dos deuses e que a água seria controlada por sereias, entre outros mitos criados pelos homens daquela época. Desta forma podemos analisar que a Contação de Histórias infantil sofreu uma mudança temática na década de 70, e passou a se sustentar em novos paradigmas na educação.

2.1 Ler e ouvir histórias no ambiente escolar

Diante das histórias contadas na sala de aula, o professor de Educação Infantil, pode estimular o gosto das crianças pela leitura, pois como diz Villardi (1997, p.2) “É preciso ensinar a gostar de ler [...] com prazer, isso é possível e mais fácil do que parece”. A fala do autor reforça essa necessidade de como é importante que o professor estabeleça uma relação prazerosa entre as crianças e a escolha da história a ser lida, pois essa familiaridade vai proporcionar o gosto pelas histórias contadas e isso vai perpetuar por todo o processo de letramento podendo transmitir por toda sua vida. Busatto (2006) corroborando, sinaliza que:

A intenção de inserir a história no contexto escolar é de propiciar, cultura, conhecimento, princípios, valores, educação, ética, além de contribuir para uma boa construção de relacionamentos afetivos saudáveis, como: carinho e afeto bons tratos, [...], autoestima, autoconhecimento e convivência social, isto tudo é possível com uma história contada com muita arte, que será fundamental para uma vida feliz e saudável, [...], contribuindo diretamente para a formação do caráter e da personalidade e indiretamente para a sobrevivência do homem (BUSSATO, 2006, p. 74)

Assim, compreendemos que quando o professor, que atua nos anos iniciais do ensino fundamental, insere na sua prática pedagógica a Contação de História na sala de aula de maneira estratégica, praticando uma aprendizagem contextualizada e mais significativa, isso faz com que valorize os aspectos conceituais da criança, levando-os a resoluções de problemas do cotidiano em sala de aula e traçando objetivos para solucionar essas questões. A apresentamos a seguir continuação do capítulo intitulado dialogando com os autores, ler e ouvir histórias no ambiente escolar

Vale ressaltar que é dentro do âmbito escolar que se constitui um espaço privilegiado para o aprendizado e o desenvolvimento da leitura, já que é neste ambiente que se concretiza o encontro decisivo da criança com o ler e o escrever, levando em consideração que as crianças vivenciam diferentes realidades sociais, econômicas, culturais, políticas dentre outras, pode-se verificar que há crianças que não tem o hábito de ouvir histórias nem mesmo contato com os livros de literatura infantil, pelo fato de pertencerem a uma camada social de baixo poder aquisitivo, o que não as impedem, entretanto, de ouvir histórias. Percebemos, entretanto que as salas de aula hoje, não é o único espaço adequado em que os estudantes estão voltados diretamente para a prática dos estudos, e para a leitura especialmente. E sim, em vários locais onde estão inseridos, no ambiente familiar, na rua, nas brincadeiras com os colegas e em todo o seu contexto, a uma história para se ouvir.

Ainda relativo a fala do autor acima, cabe a escola despertar na criança o interesse pela leitura e a escrita através da Contação de História, permitindo-os o hábito da leitura, mesmo que ainda não compreendam o código escrito, necessitam ser incentivadas através de livros e histórias que despertem a sua imaginação, a curiosidade, estimule o exercício da linguagem oral, que irá contribuir para o desenvolvimento da leitura. Oliveira (1988, p. 09) enfatiza que: “[...] o hábito de ler, como é comprovado, deve começar nos primeiros anos de vida e antes mesmo da entrada da criança na escola”. Desta forma, a criança que tem a possibilidade de ouvir histórias contadas pela família desde cedo e o contato com os livros de literatura infantil antes mesmo de entrar na escola ela tem mais facilidade de adquirir o hábito e o gosto pela leitura, pois já possui familiaridade com o universo da leitura e quando chegar à escola não verá

o livro, a leitura como uma coisa obscura, de primeiro momento, porque esta tem certa experiência pelo fato de conviver num espaço em que a leitura é praticada. Neste contexto, Abramovich (2008, p.16-17) afirma:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...] escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter o caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais[...]ABRAMOVICH,2008, p.16,17(grifos da autora)

Apresentaremos a seguir continuação do capítulo anterior, dialogando com os autores ler e ouvir histórias no ambiente escolar. Assim, a Contação de Histórias pode ser utilizada para obter a compreensão de mundo, dos diversos tipos de textos que os cercam no dia-a-dia e o reflexo dessa aprendizagem. É notório, perceber o prazer da criança em ouvir e ler cada palavra escrita no texto. Ao ler, a criança não fica restrita apenas as informações do texto, através da sua imaginação ela traz para a sua realidade, transformando em fatos reais, reescrevendo uma nova história.

Observa-se ainda com Miguez (2000, p.28) que “na maioria dos casos, a escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer.” Dessa forma, o professor que trabalha com a Contação de História na sala de aula, deve estimular suas crianças, visto que o uso dessa ferramenta no âmbito escolar não restringe somente o papel da linguagem, mas, toda uma gama de informações que poderá enriquecer a prática pedagógica e ao mesmo tempo a multiplicidade de conhecimentos nas aprendizagens das crianças. Sabe-se que a criança desde pequena convivendo em um ambiente que na qual a Contação de Histórias é um hábito, ela se torna estimulada a usar de sua imaginação para a criatividade, e a família tem um papel importante nesse processo, pois com a contribuição dos mesmos, facilita de forma prazerosa e fundamental esse trabalho dentro da escola, contribuindo na formação dessas crianças, tal como é evidenciado a seguir:

Uma vez que, a leitura é apresentada a criança ela deve ser minuciosamente decifrada, trabalhada, pois na maioria das vezes as crianças têm um contato imediato com as palavras, mas a compreensão da mesma não existiu. Para tanto se faz necessário apresentar o que foi descrito por tal palavra, de forma que esse objeto proporcione sentido a ela, pois dessa maneira a busca e o gosto pelo mundo das palavras, isto é, da leitura e da escrita se intensifica. Logo a leitura ganha vida e a criança adquirem o ato de sua prática. (FREIRE, 1992, p.96)

A prática da leitura no processo de ensino aprendizagem é de suma importância pois,

contribui no despertar da criança, o gosto pela vida estudantil encaminhando as mesmas a enfrentarem os obstáculos que lhes surgirem nessa caminhada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através dos dados coletados na entrevista semiestruturada, será apresentado abaixo as análises, que foram categorizadas da seguinte forma: A hora do conto, percepção de professor sobre contação de história e a construção da criança leitora construindo o mundo.

3.1 É hora do conto

Quando questionada, o que proporciona a Contação de História na vida das crianças, obteve-se a seguinte informação: p.3 pontua que há uma riqueza de conhecimentos contribuindo para o Ensino Aprendizagem, também no imaginário e abrindo portas para o mundo da leitura. Logo (p.4), aborda que a criança pode conhecer outras realidades e se reconhecer dentro delas, além de proporcionar concentração, estimula o raciocínio lógico, a fantasia e algumas vezes a própria realidade. E desse modo expõem, desperta o gosto para a curiosidade e também para a leitura. Para (p,3 2019) “Proporciona uma riqueza de conhecimentos contribuindo no Ensino Aprendizagem da criança a entrar no mundo da leitura, fantasia e no seu imaginário.”

A partir desses relatos percebe-se que a história contada em sala de aula de fato, proporciona algo positivo na vida das crianças, ou seja, possibilita a sua projeção a outra dimensão de realidade e de mundo, além de ser capaz de compreender seu mundo vivido por meio das narrativas vividas pelos personagens. Nesse sentido p.4, pondera que:

Proporciona conhecer outras realidades, se reconhecer dentro de algumas e fazer com que eles através da imaginação se projetem para outra realidade. Além de Proporcionar a concentração e estimular o raciocínio lógico, a fantasia e algumas vezes a própria realidade. Alegria, criatividade e imaginação, nessa fase, tal ferramenta é fundamental, pois desperta a curiosidade e o gosto para leitura. (P.4)

Com base no exposto a partir da fala da, Tahan (1961) em relação ao que as histórias podem proporcionar, o autor certifica que:

As histórias denotam o poder de observação, treinam a memória, exercitam a inteligência e a lógica, aguçam o poder imaginário e as emoções, aprimoram as relações sociais das crianças. Ouvir histórias ordena o pensamento, enriquece o vocabulário, dá ordem lógica aos fatos desenvolvendo a capacidade de compreensão do leitor em processo de formação que, com a leitura dos signos gráficos, passa a ter compreensão daquilo que lê com capacidade de contextualizar o assunto transmitido (TAHAN,1961, p.67)

Fica compreendido pela fala do autor inúmeros benefícios instituídos por meio das histórias contadas ao ouvi-las acarreta a construção de todo processo formativo e conseqüentemente a ampliação de conhecimentos. Ainda em entrevista com as demais professoras foi indagado a elas questões relativas as técnicas e recursos didáticos pedagógicos utilizados por elas na hora do conto. As docentes explanaram da seguinte maneira p.1 posiciona revelando que faz o uso da leitura, livros, desenhos, fantoches, tentando aproximar o máximo das histórias contadas pelas crianças. Refletiu ainda que utiliza de tapetes, teatro de fantoches e dedoches, e procura ainda usar a dramatização.

Nesse mesmo raciocínio, p.4 pondera que inicialmente a apresenta o título do livro, autor, e diz que são várias formas; alega ainda que dá vozes aos personagens e tudo que puder chamar a sua atenção. Entretanto, se coloca em conformidade com as falas seguintes.

Utilizo através da leitura de livros e desenhos ilustrados, também através de fantoches, músicas, rodas de conversas, outros livros e vou tentando aproximar o máximo das histórias contadas deles[crianças]. Trabalho ainda com tapetes, é ...[pensativa] através de cartazes! teatro de fantoches, com deboches, com a entonação da voz, procuro usar ainda a dramatização. (P.1, 20 de março de 2019)

Diante disso p.4 complementou que:

Primeiro, a apresentação do título, autor, são várias as formas. A que as turmas mais gostam é dramatização, literalmente, mudando ou dando vozes aos personagens, fazendo e emitindo os sons (batendo em madeira, palmas, passos) tudo o que puder chamar a atenção... deixa a história realista. (P.4, 19 de março de 2019)

Permitiu-se observar junto as professoras entrevistadas a utilização de técnicas e recursos didáticos com a intenção de se trabalhar na hora do conto as narrativas infantis em sala, as mesmas declaram que usam diversas ferramentas que possam deixar o momento de contar a história bem mais lúdico, divertido e contribuindo assim para despertar nos em suas crianças o desejo pela leitura e livro. Nota-se na fala da primeira professora acima o quanto ela tem o cuidado em aproximar suas crianças dos diversos recursos usados na hora do conto possibilitando a eles em usufruir de uma aula divertida, dinâmica e interativa, além de muito formativa, como explana Oliveira (2010, p.49) que “[...]O uso de fantoches materializa os personagens. Com eles, as crianças se divertem e exploram outra forma de vivenciar o texto literário. [...]”. Ainda é possível notar agora por sua vez na fala da segunda professora que a mesma se utiliza de vários recursos didáticos pedagógicos para dinamizar suas aulas e instigar o gosto pela leitura de suas crianças.

Percebe nas palavras experiente da docente que ela já sabe o que entretêm as crianças, ou seja, são o movimento, a dinamização das ações como a dramatização por exemplo que significa outra maneira mais divertida de interagir com os personagens da história, deste modo,

a autora abaixo relata da importância da prática dessas estratégias na hora do conto.

A dramatização é uma dessas estratégias, pois propicia a exposição de um tema que os impactou, pelo inusitado de seu enredo ou pelo drama existencial que afeta qualquer ser humano. [...] as rodas de leitura, ao proporem uma leitura compartilhada, são um instrumento mediador importante para a formação do leitor infantil. [...]. (OLIVEIRA, 2010, p. 47-48)

Diante do relato da autora observa-se que os contos narrados de maneira imprevista causam uma força um tanto mais intenso do que de maneira comum tal como rotineira, trabalhando com diferentes técnicas e recurso que permita momentos prazerosos envolvendo a todos. Para identificarmos que tipo de formação as entrevistadas possuíam fizemos o seguinte questionamento: Você teve algum treinamento, formação ou preparação para educação inclusiva? P1 respondeu deu a seguinte resposta:

Hum, assim, enquanto fala de formação a nível de município é complicado, porque teria que ser uma formação continuada e entendo eu dentro da necessidade da criança que você está atendendo. A formação que eu tive de educação inclusive, foi uma disciplina na UNEB que é aquela questão que a gente ver muita coisa, mas não aprofunda em nenhuma né? a gente ver muito superficial e a do município ela não consegue também fazer essa, essa, esse aprofundamento porque a gente ver uma formação no início do ano, aí as vezes eles marcam no decorrer do ano, mas nada voltado pra aquela necessidade daquele criança pra você entender como é que você vai incluir mesmo e lidar com aquela criança, não só por ela está no espaço mas pra que a gente consiga fazer com que ele aprenda mesmo com a deficiência dele, que a gente tem um respaldo, que a gente consiga fazer isso.

Por sua vez a segunda professora entrevistada P2 fez a seguinte afirmação: “Nunca, nunca.” Diferentemente desta afirmação P3 argumentou: “na atual gestão não, já tem uns 6 anos em que a gente não tem nenhum tipo de curso, antes em outras gestões tinha um olhar melhor pra educação inclusiva, atualmente não.” A partir desses relatos percebemos que as mesmas não possuem nenhum tipo de formação mais aprofundada sobre Educação Inclusiva e que somente P3 fez alguns cursos para poder lidar com crianças com necessidades especiais e que na atual gestão da escola onde ela atua ainda não tinha sido oferecido e nem tinha buscado nenhum tipo de formação para fazer o complemento da sua formação. Sendo assim Vitta (2010) afirma que a formação de professores, e as condições físicas e materiais bem como a organização dos recursos humanos de apoio é que são fatores primordiais na discussão da inclusão dentro da educação infantil, sendo assim é possível fazer o processo de inclusão ocorrer e se ter uma visão mais aprofundada no que tange a educação inclusiva na perspectiva do ambiente da educação infantil.

É fundamental que se faça uma construção de um ambiente inclusivo e para que isso ocorra, é necessário que todo o corpo docente da instituição tenha formação na área de educação inclusiva ou possuam algum conhecimento sobre essa modalidade educacional. Segundo Aranha (2005, p. 24) “cabe a todos nós, agora, dedicarmo-nos à efetivação desse desafio que, embora de difícil realização, é de nossa competência e obrigação. Precisamos enfrentar nossos medos, garantir as condições e construir nossos modelos de inclusão educacional.” Sendo assim questionamos as entrevistas sobre o ambiente educacional propício para a educação inclusiva e fizemos a seguinte pergunta: Como transformar a escola em um ambiente propício para a educação inclusiva? P1 afirmou que é

[...] a questão do espaço né, eu acho que o espaço quando o espaço assim ele é acolhedor, quando espaço é para essa inclusão o restante eu acho que acaba motivando o professor, motivando o gestor, eu acho também que a questão da conscientização desde de um porteiro até o gestor, os outros pais, os outros crianças, porque assim de certa forma quando a gente tem uma criança dentro ali do espaço da sala da gente, a gente faz esse trabalho de conscientização com os nossos crianças, mas aí o pai e a questão de outros crianças de outras turmas, vão entender a questão da necessidade especial daquela criança. Então eu acho que é isso aí mesmo.

Evidenciamos que a fala de P2 faz um complemento a fala de P1, pois, tratam d questão seguindo os mesmos princípios.

Com investimento, principalmente na qualificação do professor. Precisa investir, o professor precisa é fazer cursos, o professor precisa conhecer. Agora mesmo a gente está com um monte de crianças altistas, vários, várias crianças altistas imperativos e não se tem um olhar pra essas crianças, então na verdade eles estão dentro de uma escola, mas eles não estão incluídos, eles estão na escola, mas tem os o cuidador e poucas coisas sendo feitas na parte pedagógica.

Partindo desses pressupostos e analisando cada fala, fica evidente que a escola precisava esta propícia para poder receber crianças com algum tipo de necessidade especial, e para que isso ocorro o ambiente escolar precisa estar sempre adequado a essas exigências e os profissionais da educação devem estar incluídos nesse âmbito escolar inclusivo. Segundo Santana (2010, p.16) “a falta de atendimento especial, principalmente, na educação infantil, carência de recursos e equipe desqualificada, inadequação do ambiente físico, falta de novas propostas de ensino, [...] desigualdade de recursos e oportunidades, vêm dificultando o acesso de muitas crianças especiais ao ensino regular.

Por essas questões que giram em torno da educação inclusiva é possível nota nas falas das professoras que ainda não tem se tem investido o bastante na área da educação inclusiva e principalmente no que diz respeito a formação continuada e a preparação desses profissionais

para poder adentrarem numa sala de aula e poder fazer com que aconteça realmente o processo de inclusão dentro da sala de aula. É válido ressaltar que se o ambiente da educação infantil que o primeiro contato que a criança possui com a educação, não está sendo preparado para receber essa criança, fica evidente que teremos profissionais sem uma visão de inclusão e crianças cada vez mais excluídas do contexto escolar.

3.2 Percepção do professor sobre a Contação de História

Cabe aqui analisar que no momento em que questionado às professoras do turno vespertino sobre a percepção delas em relação a Contação de História durante as aulas em sala, uma das entrevistadas a Professora p.1 adiantando-se às outras revelou: “Eu percebo que é Fantástica, a Contação de História maravilhosa e motivadora, ajuda a criança a se comunicar, a pensar, ajuda no desenvolvimento da criança nesta fase de aprendizagem é fundamental” (P1, 20 de março de 2019). Em face desse relato outra professora diz qual sua percepção em relação as histórias contadas às suas crianças. Comentando a fala da professora p.1 que se antecipou, revelando que a Contação de História é sensacional e incentivadora, pois contribui com a criança, no sentido de comunicar e a pensar. Além disso, favorece no desenvolvimento da criança. P.2 conclui que a Contação de História é de suma importância para motivar a criança gostar de ler, ouvir e expor seus sentimentos. Porém é notório saber a relevância de saber contar história.

Na minha percepção a Contação de História é muito importante para incentivar a criança gostar de ler, ouvir e expor seus sentimentos. Porém, e sabido sobre a relevância de saber contar, pois uma história marca muito e traz boas lembranças e repassa lições. O saber contar uma história é muito importante, ainda vale ressaltar, que é uma das primeiras maneiras de transmitir conhecimentos e estimular a imaginação das crianças. (P.2, 20 de março de 2019).

Durante da exposição da primeira professora é enfatizado a percepção da docente no sentido de se ter noção da importância formativa da criança a partir da prática de contar histórias em sala de aula. Por sua vez a professora seguinte tem uma percepção um tanto mais perspicaz e talvez por isso, não mais relevante quanto a docente anterior, ao afirmar sobre a importância da Contação das narrativas e, no entanto, a professora sinaliza uma ponderação extremamente especial, quando diz que também há de saber contar tais história, assim, a professora reitera a fala das demais entrevistadas ao discorrerem sobre o uso adequado das técnicas na hora do conto tal como dito no parágrafo anterior.

Percebe se, diante disso que Cavalcanti (2004, p.72) aponta, “O leitor infantil pode ser

muito facilmente envolvido pelo momento da ‘Contação’, desde que o processo seja bem conduzido”. Tal envolvimento e dinamismo permite que a criança de fato se integre em toda a prática de contar e ouvir histórias, porém é necessário que essa prática seja bem mediada, bem como perspectiva aos olhos do professor, ou seja, é imprescindível que este profissional tenha a percepção da necessidade de um trabalho bem executado.

4. Considerações Finais

Concluimos que a Contação de História, inserida desde muito cedo na vida da criança, traz uma gama de valores no cotidiano desta criança, contribuindo na formação deste Criança Leitor. Uma vez, que a Contação de História é aplicada de modo metodológico, utilizada de maneira dinâmica, respeitando o intrínseco e a faixa etária de cada um. Dessa forma trazendo resultados imprescindíveis. Em decorrência disso o gosto pela leitura, influenciando sim, na formação deste Criança Leitor. A coleta desses dados foi contundente para a resposta da questão; qual a Influência da Contação de História na Formação do Criança Leitor. Compreendendo positivamente de que forma a Contação de História influenciou para se chegar a esta conclusão. Porém, encontrou se na pesquisa, algumas limitações quanto ao número de participantes, para que a questão pudesse ser respondida com exatidão. Todavia, os investigados mostraram se positivamente em suas falas respondendo de forma coerente a questão. A pesquisa obtém se grande relevância social, uma vez, que a Contação de História pode se atingir estudos maiores com a amostragem. Consideravelmente para a formação docente e trazendo qualidade no Ensino Aprendizagem destes pequenos leitores.

5. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BRASIL. **Constituição Brasileira (1998)**. 10ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1998.
- BETTELHEIM, B. **Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- BUSATTO, C. **A Arte de Contar Histórias no século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BEZERRA, M. A. da C. **O papel da biblioteca escolar**: São Paulo, 2008.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CAZUMBÁ, M. **Histórias da Cazumbinha**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

CARUSO, C. **A importância da literatura na formação da criança**. Disponível em: . Acesso em: 20 ago. 2019.

CADEMARTORI, L. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense. 1985.

CASTRO, A. S. V. P. de. Diálogos entre literatura clássica infantil e psicanálise. **CES Revista**, Juiz de Fora, v. 22, p. 267-281, 2008.

CAVALCANTI, J. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil**. 2º ed. São Paulo: Paulus, 2004.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

In: **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FARIAS, F. R. A. de; RUBIO, J. de A.S. **Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil**. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v.3, n.1, 2012.

MOITA LOPES, L. P. **Afinal, o que é linguística aplicada**. *In*: Moita Lopes, L. P. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

OLIVEIRA, A. A. de. **O professor como mediador das leituras literárias**. *In*: **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação, 2010.

OLIVEIRA, P. S. T. de. **A construção dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças**. 62 f. 2010. Monografia. Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.

PENNAC, D. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

TEBEROSKY, A. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TOZONI-REIS, M.F.C. **Infância, Escola e Pobreza: ficção e realidades** Campinas: Autores Aaociados, 2002.

Ensinando a gostar de ler: e formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

VIEIRA, I. M. de C. O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil. **Revista criança do professor de Educação Infantil**, v. 38, p. 10, 2005.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Antonia Cristina Soares Cazumbá

Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB – DCHT – Campus XVII – Bom Jesus da Lapa – Bahia; E-mail: cristinacazumba18@gmail.com

Daniel Neres da Silva

Graduando do 5º semestre do curso de Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB – DCHT – Campus XVII – Bom Jesus da Lapa – Bahia; Membro do Grupo de Pesquisa em Cultura, Gêneros e Sexualidade em Espaços Escolares; E-mail: danielneres_1@hotmail.com

Gisele Ferreira de Amorim

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED/UESB. Membro do Observatório da Infância e Educação Infantil/OBEI. Docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ Campus XVII. Bom Jesus da Lapa – Ba. E-mail: gisele_ksgl@hotmail.com

Izabel Cristina da Silva Barros

Graduanda do 5º semestre em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ Campus XVII. Bom Jesus da Lapa-Ba. E-mail: Cristinasilva1999@hotmail.com